

**BIENAL
DE QUADRINHOS DE
CURITIBA
PUBLICA!**



BIENAL DE QUADRINHOS E A DEMOCRATIZAÇÃO DA CULTURA

Uma das premissas da BIENAL DE QUADRINHOS DE CURITIBA é democratizar a cultura. Um deles é a Bienal Publical, parceria com a Editora Livrinho de Papel Finíssimo (PE), com o Festival Publique-se (PE), e com o Estúdio Invertido (Curitiba).

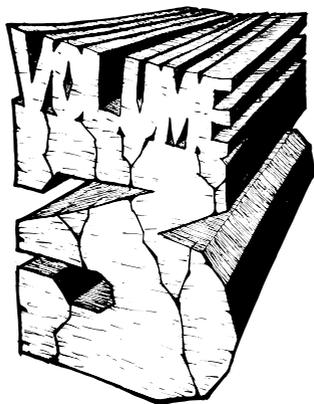
Ao abranger uma seleção variada de quadrinhos, ilustrações, poemas e contos, a Publical! lança artistas nunca antes publicados, proporcionando a universalização da arte e favorecendo a criação de uma sociedade mais crítica e consciente.

São mais de 150 artistas ao lado de artistas convidados da Bienal, apresentando uma multiplicidade de expressões. São pessoas de todo o Brasil, com obras inéditas e algumas produzidas exclusivamente para essa publicação.

Presente pela primeira vez na Bienal de Quadrinhos, esta é uma ação diversificada que abre espaço para o novo. Com a Bienal Publical, nosso evento reforça sua postura democrática, mesmo em tempos de intolerância e descrença. Que venham os novos artistas!

BIENAL DE QUADRINHOS DE CURITIBA

**BIENAL
DE QUADRINHOS DE
CURITIBA
PUBLICA!**



LIVRINHO DE PAPEL FINISSIMO
EDITORA

i *ES
TÚ
DIO
—
in
ver
ti
do*

PUBLIQUE

CURITIBA
setembro de 2016





QUERIA SER ASTRONAUTA.
MAS FOI MEU SONHO QUE FOI
PARA O ESPAÇO.

O DESTINO ME LEVOU
POR ÁGUA ABAIXO.
QUIS ELE QUE EU
VIRASSE MERGULHADOR.



AQUI EMBAIXO, ENCONTREI
A FELICIDADE.
MINHA VIDA SEGUE CERCADA
DE ESTRELAS,
MAS NESTAS EU POSSO TOCAR.

QUARTO

JEREMIAS SENTIU A MORDIDA FAMILIAR NA BARRIGA, QUE FALAVA TODOS OS DIAS DA FOME.

SE CURVOU, PEDINDO QUE SE CALASSE, NÃO HAVIA MAIS NADA PARA COMER.

SUAS CONTAS DOS DIAS, ALI, SE PERDERAM NO ESCURO.

TEXTO: CAROL SAKURA
ARTE: WALKIR FERNANDES



JEREMIAS COMEU TODAS AS MOSCAS, MESMO AS MAIS AGEIS. MASTIGOU CADA BARATA CROCANTE. APENAS AS PEQUENAS ARANHAS ACABARAM EM VOMITO.



NINGUEM RESPONDEU SELUS PEDIDOS DE SOCORRO.

NENHUM PARCEIRO DE BAR BATEU NA PORTA.

NEM OS PAPEIS DA CONTABILIDADE SENTIRAM SUA FALTA.



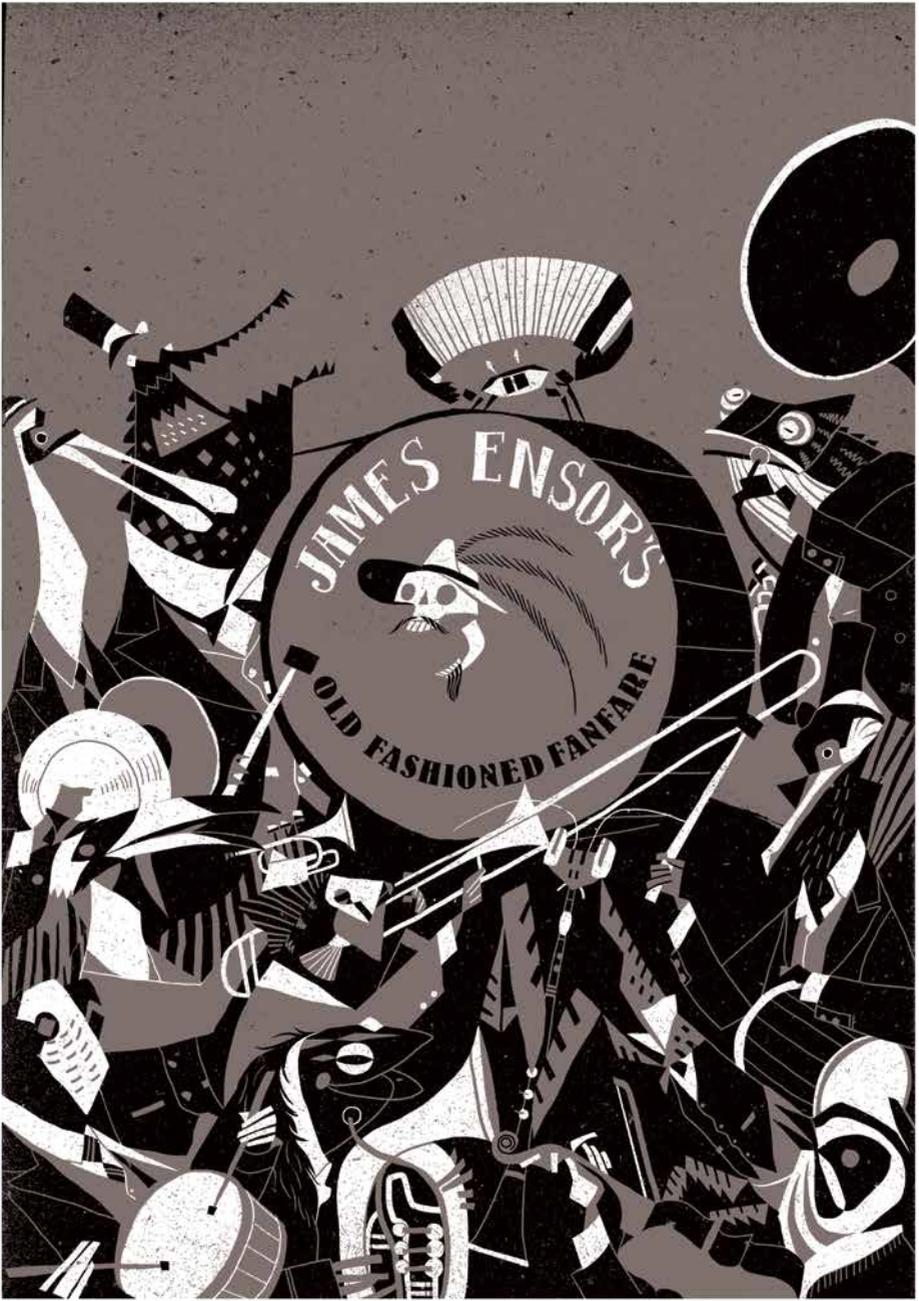
A ÚLTIMA PESSOA QUE VIU FOI JÚLIA, QUE EXPLICOU: NÃO O TRANCAVA, ALI, POR VINGANÇA.



SÓ SABIA AMAR ASSIM.

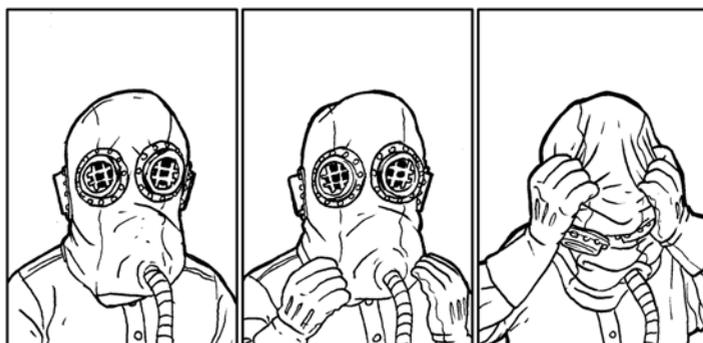
FIM

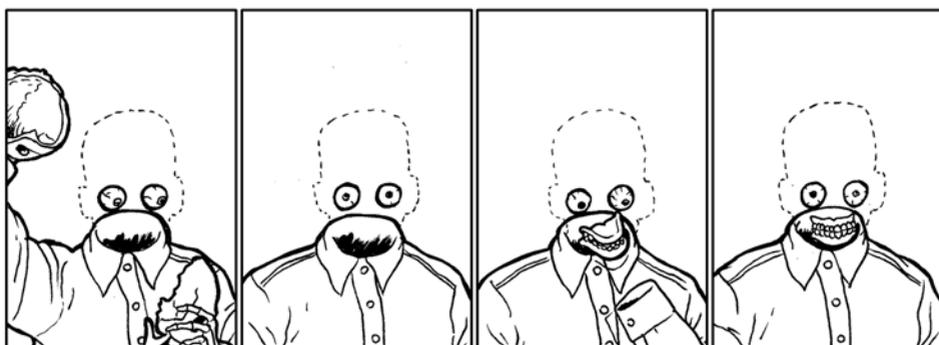
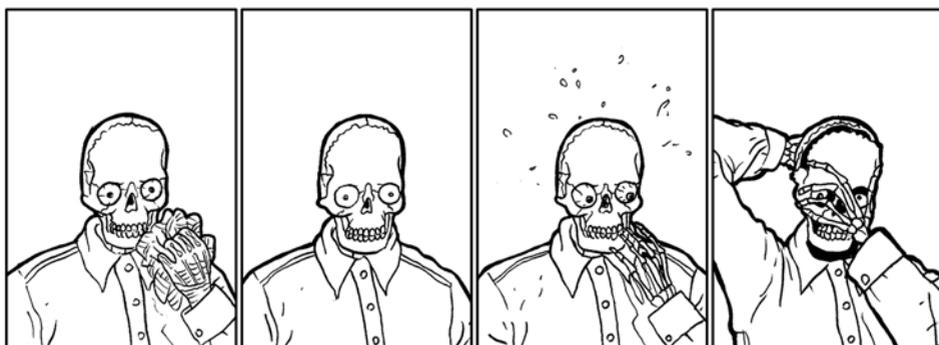
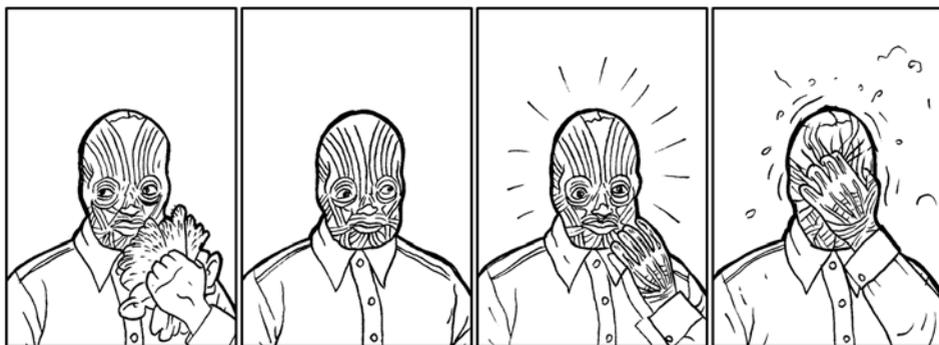




O HOMEM INVISIVEL

POR GUILHERME CALDAS





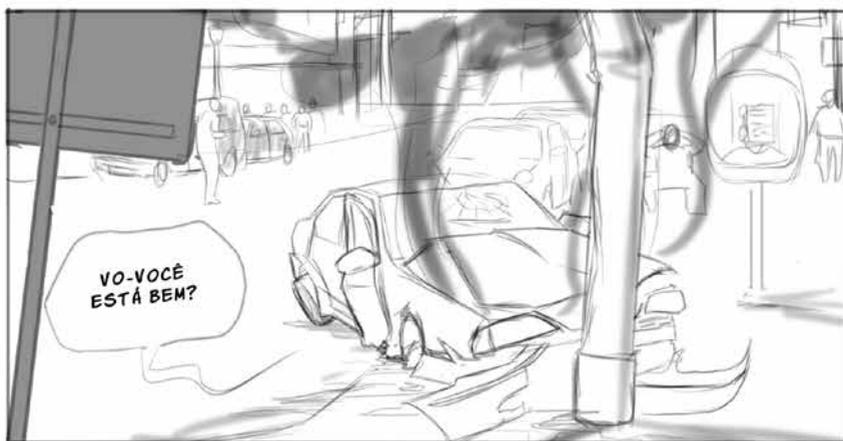
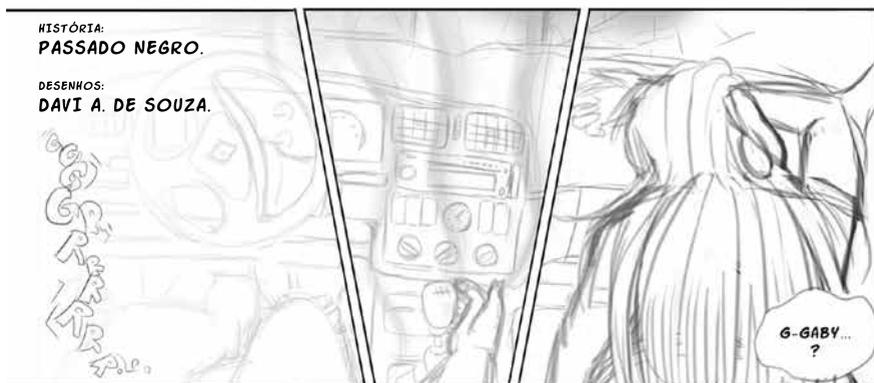




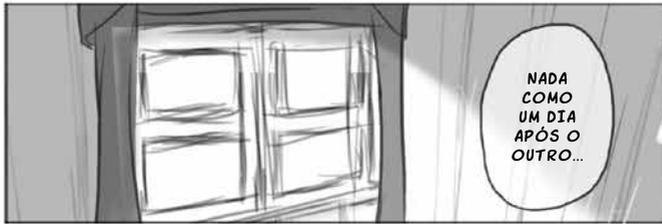
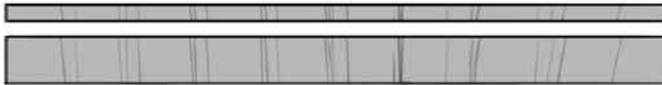
HISTÓRIA:
PASSADO NEGRO.

DESENHOS:
DAVI A. DE SOUZA.

GGRRRRRRA!



1



2





Dias melhores virão

Das situações mais trágicas podem surgir os momentos mais engraçados.

Os animais da série "Dias Melhores Virão" precisam pensar em uma solução - o que fazer quando o pior a acontecer já não pode ser evitado?

Desenhos & textos: Bolívar T. Escobar

Para ler mais: www.hojedeusorte.tumblr.com



Sorte: o mestre gorila é sempre muito receptivo e aceita qualquer um como discípulo.

Revés: justamente, por isso, nem todos os movimentos e golpes são muito intuitivos.



Está cada vez mais difícil esconder as evidências do plano secreto de dominação global.

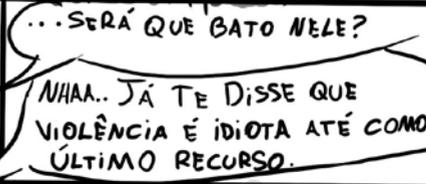
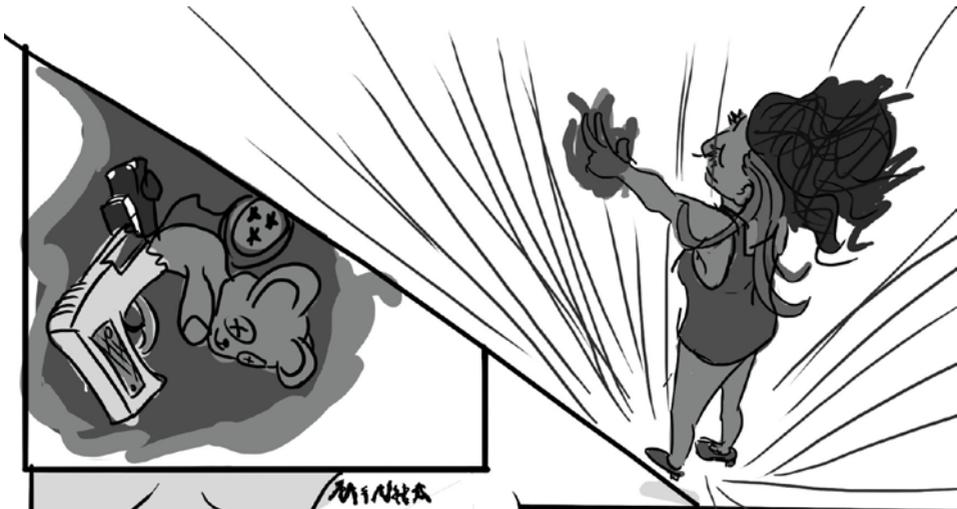


Investigação: Qualquer um dos suspeitos da lista poderia ter sido o autor da sabotagem.









ELES NÃO CHEIRAM MAL

Você e toda a sua matilha espalhada por aí é do que eu mais gosto, amigo.

Não importa o cheiro, não importa a cor ou a casa que você tem. Não me importam as suas preferências. Todos vocês são amores para mim. Não me importa seu passado, seu futuro é do mundo. A sua alegria me importa, seu sorriso puro de mau hálito. Quero ver você correndo e alcançando o todo do nosso universo: a surpresa dos que procuram perdidos.

Amo ver vocês se encontrando, conversando e dormindo juntos; dividindo a comida e a saliva, brigando pelos mesmos motivos. Quero encontrá-los em cada esquina, no mundo ideal onde cada esquina é feliz para vocês; encontrar a fórmula inexistente da nossa comunicação. Encostar minhas mãos nas suas ásperas de tanto caminhar. Sendo felizes por não se encontrarem, tendo a coragem de serem livres por não terem alternativa; sendo o seu próprio tamanho, forma e cor de uma maneira, naturalmente, bem resolvida. Vocês, os amigos que cheiram mal, mas se adoram e se cheiram sem parar: quero cheirar tão mal quanto vocês – o melhor aroma do mundo. Já estou deixando o meu hálito mais azedo. Parei de pintar o meu rosto e lixar as minhas unhas. Estou, ainda, tentando parar de pensar dessa maneira que eu sempre pensei. Quero pensar com todas as partes do meu corpo de um modo não arbitrário. Minha mão vai pensar como a minha barriga e minha cara vai pensar como o meu pé, que não precisa mais de sapatos. Aliás, eu não preciso mais de roupas. Eu não preciso mais de concordâncias verbal e nem de regras ortográficas para viver com vocês, eu só preciso saber como fazer para sobreviver desse novo jeito, esse fazer entender e compreender que agora é tão diferente.

Mas não posso, minha natureza me aprisiona.

E eu, também, gosto de outras coisas.

Mas, eu ainda posso cheirar vocês, isso sempre será o nosso reconhecimento.

JARDIM DO BOM AMIGO

Um pedaço de terra escondida por árvores, escondidas por uma estrada de chão, escondida pelo asfalto, escondido pelos prédios da cidade.

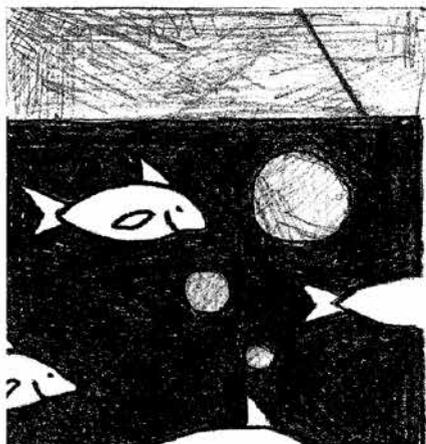
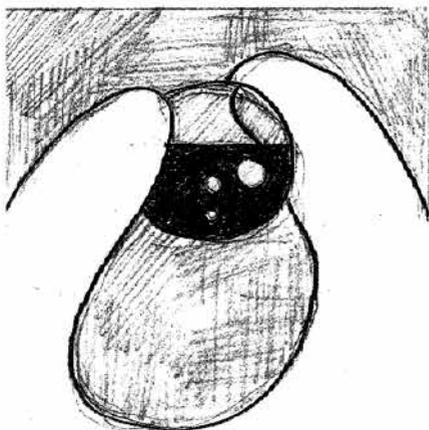
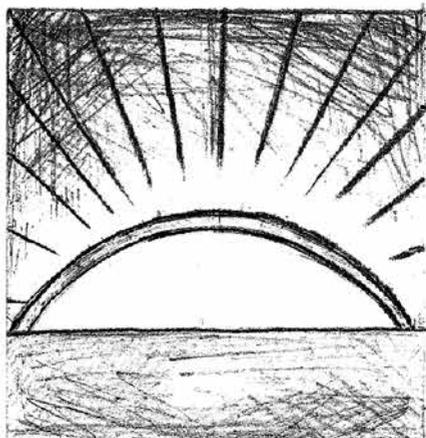
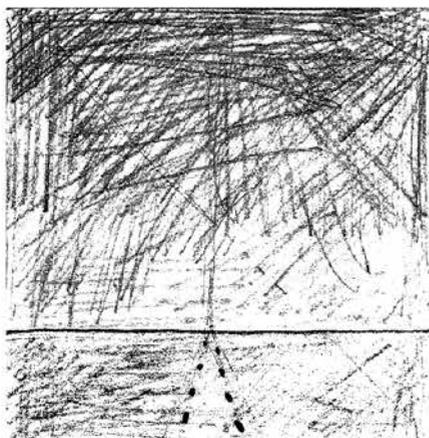
Essa terra que é viva por fora, porque tem adubo por dentro. Esse adubo que é morte, daquelas vidas mais descartáveis, menores, mais amáveis. Vidas da mesma carne, dos mesmos pelos e da mesma importância, que estas mais nobres.

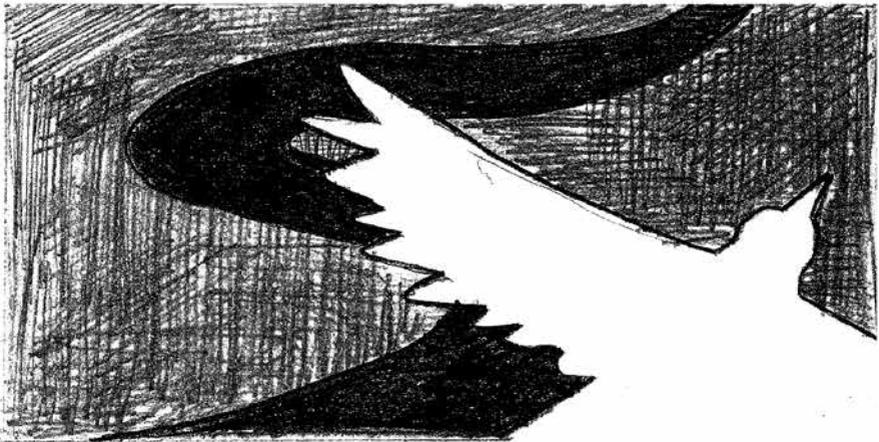
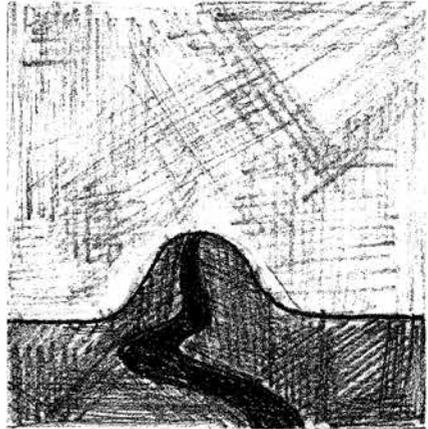
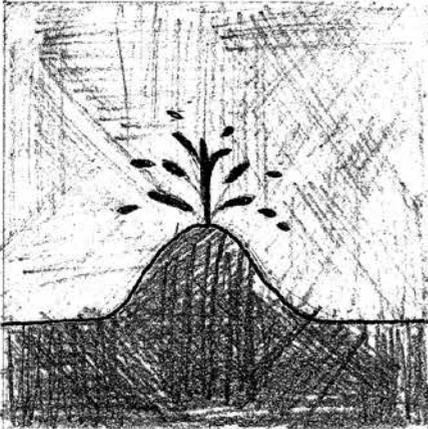
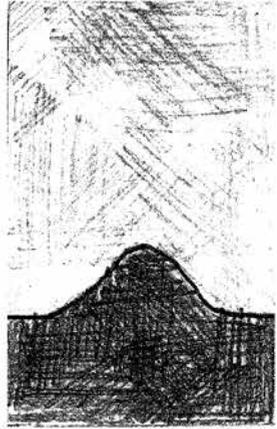
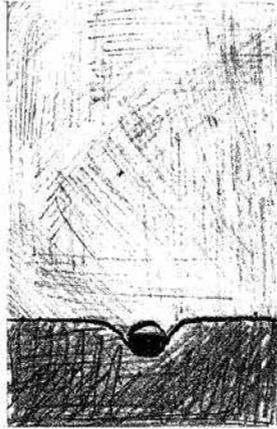
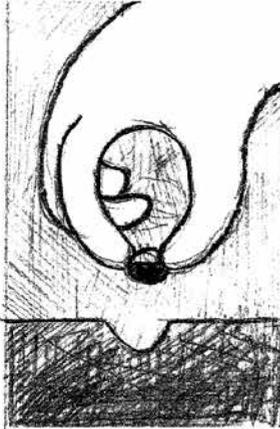
Enfileiradas, essas vidas uma a uma, entre lápides de mármore e tijolos, identificados com tinta barata.

Remanescentes de uma voz familiar, vivendo ali em cima, talvez não tenham a mesma morada, talvez sejam mais descartáveis que os adubos vizinhos.

Aquela terra escondida, viva, cheia de nomes e fotos, uns bem cuidados e outros esquecidos.

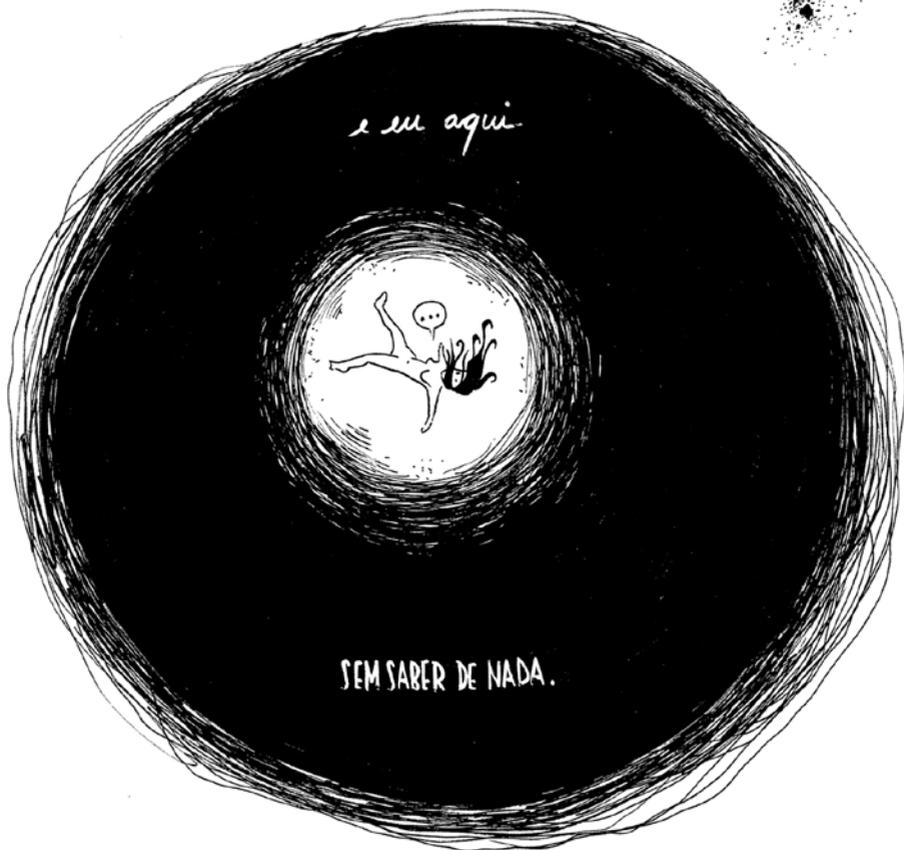
Ali, onde enterram histórias nunca faladas, nunca escritas; histórias muito sentidas, lambidas, arranhadas, ronronadas. A terra que é um misto de tristeza e euforia. Aquele quintal cheio de lembrança onde um dia foi vida. Aquele contradição. O jardim que descansa os bons amigos.







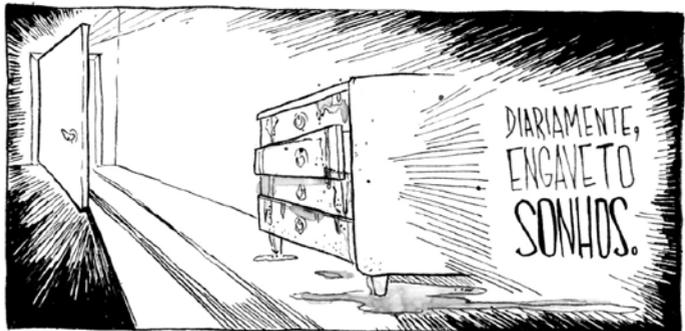
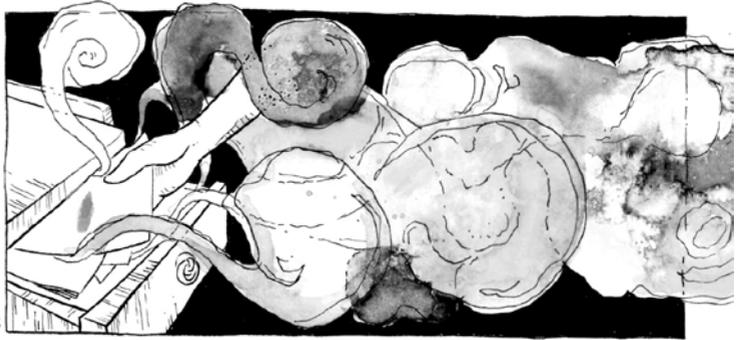




SHIN.

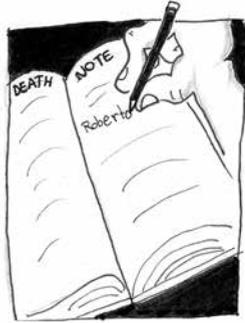


EU NUNCA ME SINTO
SUFICIENTEMENTE
CAPAZ.



SHIN.

PENSA EM MIM...



RX



OS MISTÉRIOS DA MORTE

A velha casa de madeira sem pintar, há tempos tão solitária, estava abarrotada. Pessoas enchiam todos os cômodos e o vasto quintal coberto de grama alta. O velório acontecia na pequena sala, agora repleta de parentes da velha defunta... A idosa, que viveu abandonada pelos próprios filhos, adoeceu na solidão e morreu sozinha... Demorou doze horas para ser achada gélida e dura na cama de colchão de palha.

Por algum motivo, a senhora, que sempre teve cabelos longos, foi encontrada com uma tesoura na mão e seus cabelos desaparecidos. Procuraram por toda a casa e nada. Agora, seus filhos lhe faziam companhia ao lado de um grande caixão envernizado, tão bonito que não combinava com nada naquela casa simples, pobre, sem conforto algum. Seus netos, que nunca vieram vê-la, brincavam no quintal, correndo atrás dos vaga-lumes, enquanto a pobre velha jazia fria sobre o veludo que nunca provara em vida.

Algumas de suas filhas fingiam chorar; tinha uma que morava a duas quadras e nunca veio visitá-la. Uma velhinha franzina e corcunda chegou a tempo de rezar o terço, ficou o tempo todo ao lado do caixão e se prontificou a fazer algo para aquele povaréu comer, já era tarde.

Depois de pronto o risoto cheirava bem, esfomeados, cada um pegou sua porção, a velhinha serviu a todos com satisfação, comeram com muito gosto e alguns chegaram a repetir. A primeira a encontrar um foi a netinha mais nova... Começou a puxar um longo e branco fio de cabelo de dentro de sua garganta, os outros enojados começaram a encontrar nos seus pratos também, alguns saíram correndo para vomitar e a filha mais velha confirmou a suspeita ao remexer a panela, eram os cabelos da defunta.

O pânico foi unânime, procuram a velhinha e para o desespero de todos, não a encontraram, ninguém a conhecia, ninguém jamais tinha visto aquela mulher antes. Ela simplesmente desapareceu tão rápido quanto apareceu. Tornou-se quase impossível olhar para o cadáver da idosa, que a essa hora já exalava um forte odor. Alguns dos filhos choravam de verdade, enquanto outros falavam em enterrar a defunta antes de amanhecer, o fato é que todos entenderam muito bem o recado.

No caixão, a velha morta órfã de doze filhos... Parecia sorrir.

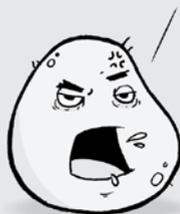
MERIADOC

o fungo

então, foi revelado que o **Capitão América** faz parte da Hydra...



que absurdo! é como viver num mundo em que os X-men são racistas, o Gandalf mata o Frodo e fica com o anel, ou em que o Frota dá pitaco na educação!



acho que deram **reboot** nesse universo e o novo roteirista é o **Comediante...**



Luiz

“YANKEE SOBÁ”

Mostarda, ketchup e três cabeças humanas decepadas, era todo o conteúdo dentro de uma antiga geladeira de um antigo apartamento. Uma mulher pega ambos os molhos e retorna para seu devido assento. Sentados de frente um para o outro em uma mesa na cozinha, um casal comia e conversava ruidosamente, ambos pediram combos de Stacker Triplo, o que, obviamente, inclui uma porção de batata frita média e refrigerante. Em cima da mesa, duas 9mm indicavam que os dois patifes não eram bons samaritanos.

— Sabe por que Yakisoba se chama Yakisoba? - indaga a mulher.

— Lá vem mais uma curiosidade inútil. - fala o rapaz, descrente na conversa e pegando um punhado grande de batatas fritas.

— Shhh, escuta só que é interessante! Quando aconteceu a primeira grande onda de migração chinesa nos Estados Unidos, lá por volta de mil oitocentos e bolinha...

— Peral! Migração chinesa pros Estados Unidos em mil oitocentos? Tá maluca garota? - de mão cheia, o homem pega mais batatas e as come ferozmente.

— É, muitos ajudavam na expansão ferroviária do velho oeste. Enfim, cala a boca e escuta! Quando os chineses chegaram lá teve toda aquela troca cultural bonita e maravilhosa, um dá uma receita de uma gororoba ruim aqui, outro dá uma receita de creme anti verruga peniana ali e o menos favorecido é explorado e toma no cu, aquela coisa toda, sabe como é?

— Sei, continua. - ele pega mais algumas batatas com os dedos.

— Então, o macarrão que os chineses comem é chamado de Sobá, mas como eles acrescentavam mais coisas no preparo, lá nos Estados Unidos, a galera acabou chamando essa nova versão de Yakisoba, que na realidade significa Yankee Sobá, entendeu?

— Quem te falou isso? Tu não assistiu no History Channel, não, né? Sabe que lá eles devem falar que macarrão é coisa inventada por alienígenas de descendência italiana.

— Que nada, a Irina me falou isso quando a gente tava fazendo um contrato das antigas.

— Falando nisso, ela tá me devendo vinte conto. Mas, voltando no assunto, acho que isso que tu falou não tem nada a ver.

— Por que tu acha isso?

— Sobá é um macarrão japonês, e não chinês sua besta!

— E como tu sabe? Tu não fala chinês, porra!

— Lembra da japonesa que eu namorei há uns 2 anos, aquela que tinha cara de bolacha Trakinas?

— Sei, a professora de musculação que peidava toda hora.

— Essa mesmo, ha ha! Então, a gente ia toda semana num restaurante japonês que tinha na esquina da casa dela, e o macarrão deles era chamado de Sobá.

— Cacete, acho que a Irina me mandou uma lorota das grandes, então!

— Pois é.

O cara pega todas as batatas fritas da mesa, ela percebe e fica furiosa.

— Mas é de cair o cu do queixo mesmo, heim!

— Que foi?

— Cara, não acredito que tu comeu a minha e a tua batata! Tu deve tá de sacanagem comigo mesmo, né?

— Porra, é só batata cara, não fode! Depois te compro mais.

— Depois o caralho, se eu comprei com batata, a porra do lanche, é porque eu quero comer a merda da batata agora, seu arrombado do caralho!

— Ela pega sua 9mm e aponta na direção do seu companheiro.

— Porra, Mariane, pera aí, caralho! Não, pera...

Ela atira três vezes em seu companheiro. Depois de uma pequena fração de tempo, olha para a parede suja de sangue e abaixa a cabeça na mesa.

— Não devia ter sujado a parede, merda!

CONFUSÃO

Isadora acordou tão confusa que a vontade era de não ter acordado. Queria ter continuado dormindo, naquele estado de "ignorância do mundo". Não queria enfrentar seus problemas, pensar em razões para que as coisas acontecessem como aconteceram.

Não que estivesse arrependida; pelo contrário. Onde já se viu, em pleno século XXI, sua família, ainda, esperar que ela fosse a imagem perfeita de uma dona de casa: submissa, invisível, agradecida por migalhas. Esta nunca foi e nunca será Isadora. Ela havia se casado com ele, um bom partido, nunca com outra intenção além do amor. Ela não nasceu para fazer o que não quer, não mesmo! Por isso mesmo decidiu encerrar sua vida de casada. Saiu de casa tão rápido que até se espantou com a facilidade com que deixava para trás uma vida. Sim, uma vida. Foram 3 anos de casamento, cumplicidade e amor.

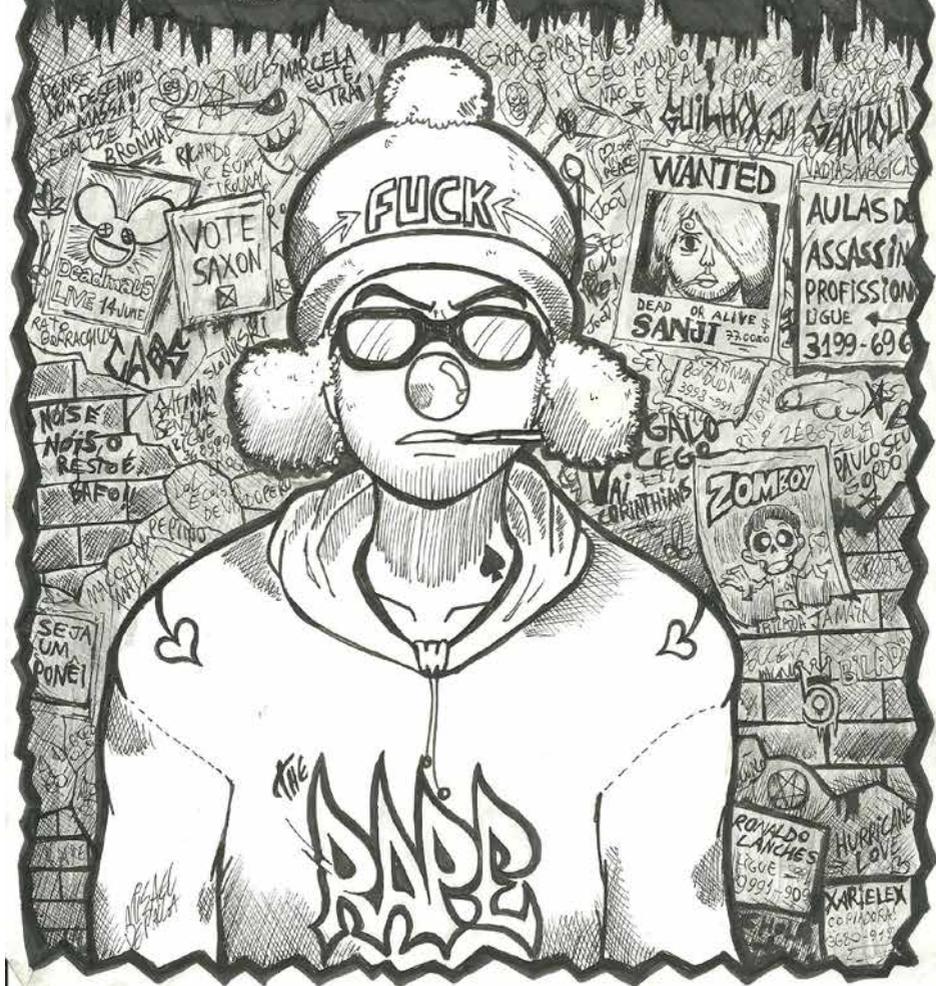
'Isadora, seja sincera', pensou. Após 2 anos de casamento – perfeitos, de lua de mel e amor incondicional – ela começou a perceber que o homem que ela tanto amava não era mais o mesmo. Ou talvez nunca tenha sido, mas ela não queria enxergar. Pensou, exaustivamente, sobre a sua vida, sobre o seu passado e sobre o seu futuro. Ela estava construindo uma vida que nunca desejou. Estava virando a sua mãe e Deus que a livre virar a sua mãe. Não que sua mãe fosse uma pessoa desprezível, absolutamente, não. Mas a vida de sua mãe nunca foi a vida que ela almejava. Ela não nasceu para ser uma expectativa à espera do marido que daria sentido à sua vida. Nunca foi dona de nada a não ser do próprio destino, então, ser uma bela e doce dona de casa não estava em seus planos.

Enquanto refletia, Isadora tentava levantar e estranhamente não conseguia. Queria gritar e mostrar a todos que a decisão dela estava correta. Não, ela não ia aceitar aquilo, mesmo que a mãe dissesse que ele não fazia por mal. Lembranças de um dia que ela não queria reviver voltaram a ela. Com espanto e culpa, Isadora se recriminou por ter deixado as coisas chegarem a este ponto.

Lembrou daquela noite em que o futuro se acelerou sobre ela na forma de desprezo e violência. Aquele homem que a puxava para o canto e gritava que ela era sua esposa e só, que ficasse calada e não desse palpites, não era o homem que ela havia escolhido. Decidiu ir embora. Queria o conforto de seu quarto de infância e um colo de mãe. Lembrou de sua mãe dizendo que ele não fez por mal, que uma esposa não deveria contrariar seu marido, que ela deveria voltar para casa. Mesmo a contragosto, decidiu voltar e tentar novamente. Ele não fez por mal. Estava disposta até a pedir desculpas por seu comportamento e agradecer ao amor que o marido lhe dava.

Agora, percebia que seu primeiro instinto estava correto, mas já não adiantava. Flashes de gritos, agressões e pedidos de socorro chegavam a ela com uma velocidade atordoante. O que ela não queria lembrar tornou-se inesquecível. Sim, ela estava certa, aquele não era seu marido. Ela sabia que mais cedo ou mais tarde, teria que tomar uma atitude. Só não esperava que fosse tão rápido. Só não esperava que fosse tão cedo. Isadora acordou tão confusa que a vontade era de não ter acordado. Isadora não sabia mais se havia acordado.

RESSACA SEM FIM





TELEFONEMA

Conheciam-se há cinco meses. Trocavam mensagens o tempo todo, contavam as coisas mais banais, mandavam fotos, caretas, links para vídeos do YouTube. Também, falavam da saudade que sentiam, de como o sentimento evoluira naquelas semanas de separação, as declarações, cada vez mais hiperbólicas, os corações na tela, cada vez mais numerosos e, quem sabe por isso, cada vez mais banais. Inexperiente, Amélia não entendia por que as afirmações – certamente sinceras – não soavam assim. Digitava “Eu te amo!”, apertava o botão e, então, angustiada, escutava a própria voz: ama? E, com uma pontada especial de agonia, não podia deixar de trocar mentalmente as exclamações por interrogações nas mensagens recebidas.

Sentia um arrependimento amargo toda vez que lembrava de como admitira, displicentemente, não gostar de falar ao telefone. Tinha vergonha, dissera, mas não, não era exatamente isso: atender ao telefone era como mergulhar no escuro; não havia como saber quem falava do outro lado, não havia tempo de refletir sobre as respostas, não haviam silêncios charmosos, não era possível reduzir os sentimentos a simples rostinhos desenhados, não havia a doce ambiguidade das reticências... O telefone era direto, quase violento. Teria sido por isso? Seja como for, não era de surpreender que Augusto houvesse hesitado tanto antes de decidir telefonar.

O assunto finalmente surgiu num fim de tarde de sexta-feira. Marcaram para o mesmo dia, às oito da noite. Agora, deitada na cama, o celular firme na mão direita, Amélia revisava, repetidamente, o que faria daqui a quinze minutos: bastava atender ao telefone e conversar, como já haviam feito, pessoalmente, tantas vezes. Ainda assim, sentia gotas de suor frio escorrendo pelas axilas. Respirou fundo, suspirou, fechou os olhos mais uma vez e começou a imaginar aquela voz grave e tranquila. Lembrou do formato dos lábios, normalmente úmidos, e imaginou o ato de atender como trazer a própria boca de Augusto ao ouvido. A primeira declaração de amor foi sussurrada. Lembrou do fim de tarde ensolarado, sentados no sofá. O garoto segurava-lhe a nuca enquanto falava, a mão áspera causando arrepios com carinhos ascendentes, os dedos penetrando por baixo dos cabelos, indo e vindo lentamente. Beijaram-se com avidez, e quando abriu os olhos não havia mais apenas aqueles lábios, mas o rosto todo encarando-a. Entregou-se ao abraço e deixou que as mãos percorressem o corpo de baixo para cima, puxando-a, ávidos, para si. Augusto fez com que ela deitasse e, de joelhos, o sol iluminando apenas o lado direito do rosto, admirou seu corpo. Deitou-se sobre ela, as pernas enlaçadas, beijando-lhe o pescoço, as bochechas e o queixo, que mordiscava delicadamente. Amélia respirava sonoramente, ficando as unhas nas costas do garoto, tentando tirar sua camiseta sem muito sucesso. Ao mesmo tempo, Augusto, as duas mãos por baixo da blusa, tentava desatar o fecho do sutiã. Quando abriram os olhos, sorriram e, sem falar nada, trocaram de tarefa. Voltaram aos beijos, os quadris movendo-se instintivamente, cada vez mais apertados um contra o outro. Foi ela a primeira a desabotoar o botão da calça, mas Augusto rapidamente...

Não chegou a se dar conta dos acontecimentos. Meteu o celular entre as pernas assim que começou a vibrar, pressionando-o contra a virilha. Fantasiou aquelas memórias em detalhes, reais apenas enquanto durasse para o outro a agonia da espera.

PAI?

MÃE?

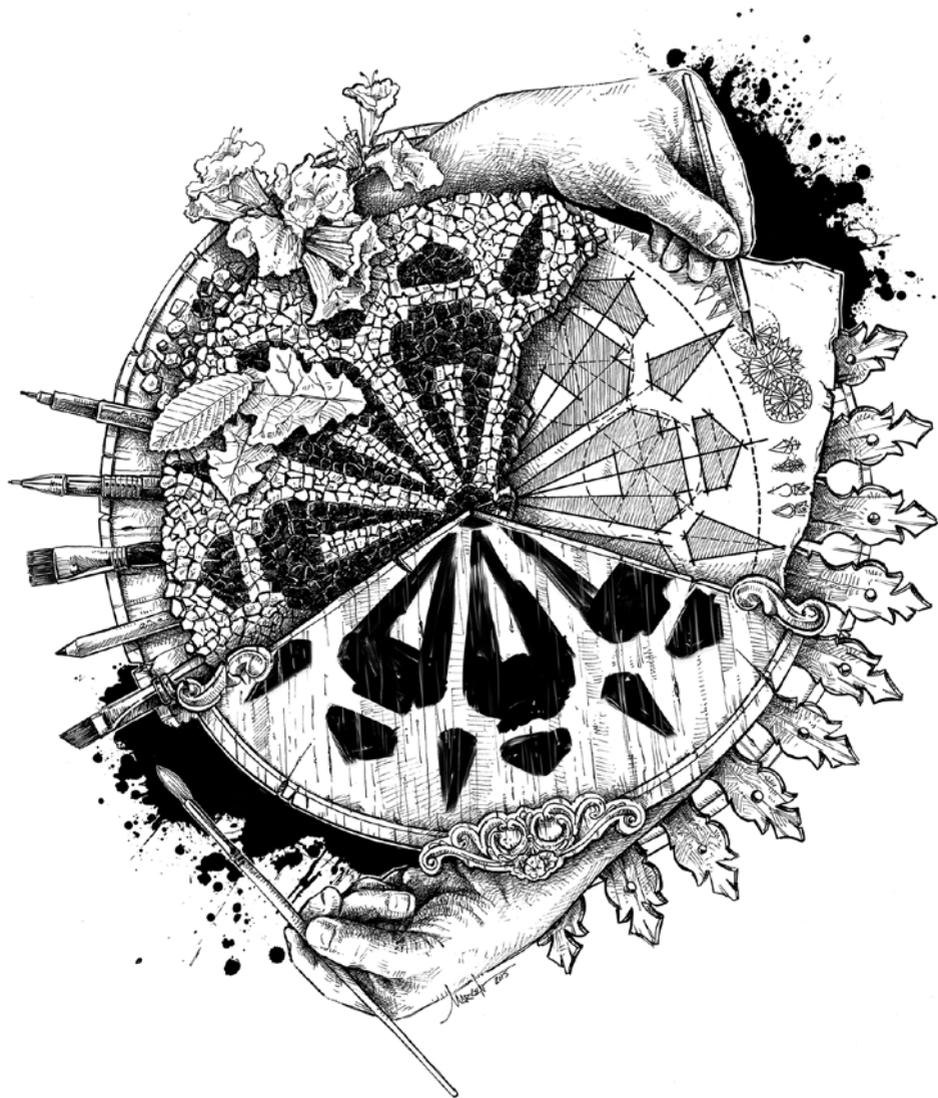
PAULO GFF AUG/2016



FIZ COCÔ NA CALÇA







Bonsai





Um passo
de cada vez...
Nem tudo que é
flor, floresce se
não for bem
regado.

Katleen.

Missão de Rotina

POR RICHARDI MUNIZ

VIETNAM - O ANO E O LOCAL POUCO IMPORTA. ERA APENAS MAIS UMA MISSÃO, COMO TANTAS OUTRAS.



ERA MUITO AZAR, MAS ISTO ALGUM DIA, TERIA QUE ACONTECER.



LA EMBAIXO, O INIMIGO OBSERVA ATENTO.



MAS, AS COISAS NÃO SERIAM TÃO SIMPLES ASSIM.

ME LIVREI DO CAPACETE, E PREPAREI-ME PARA ENFRENTAR OS VIETNAMITAS.



TEREI QUE SER BASTANTE RÁPIDO.



EU JÁ TINHA IDEIA DO QUE PODERIA ACONTECER, CASO CAÍSSE PRISIONEIRO DOS VIETNAMITAS. POR ISSO, PREPAREI-ME PARA VENDER CARO A MINHA PELE.

MAS, O QUE ESTARIA ACONTECENDO?



ELES NEM NOTARAM OS MEUS DISPAROS



MORRAM, SEUS CÃES MALDITOS!

EU ESTAVA, REALMENTE, CONFUSO. FOI QUANDO PERCEBI LOGO ADIANTE UM CORPO BASTANTE FAMILIAR



SOU EU?!

ENTÃO, ENTENDI, O QUE TINHA ACONTECIDO. EU ESTAVA...

Recusado!!!

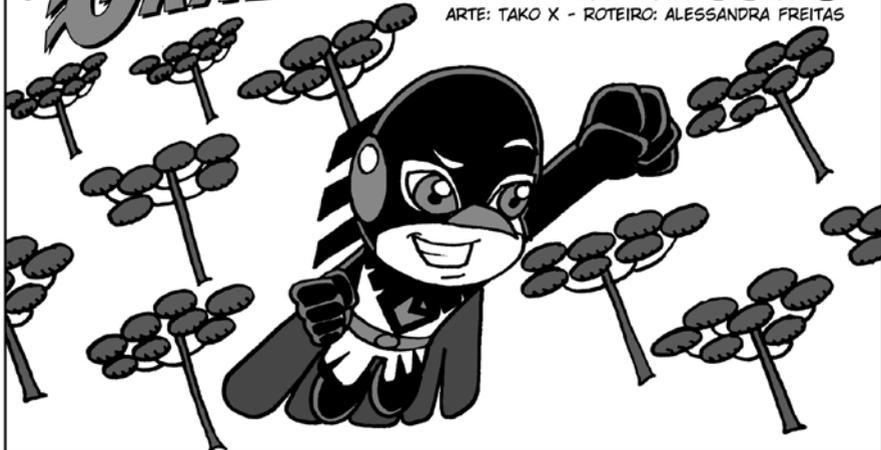
HE! HE! HE! HE!

MORTO!

FIM

O GRALHINHA em "A MISSÃO"

ARTE: TAKO X - ROTEIRO: ALESSANDRA FREITAS

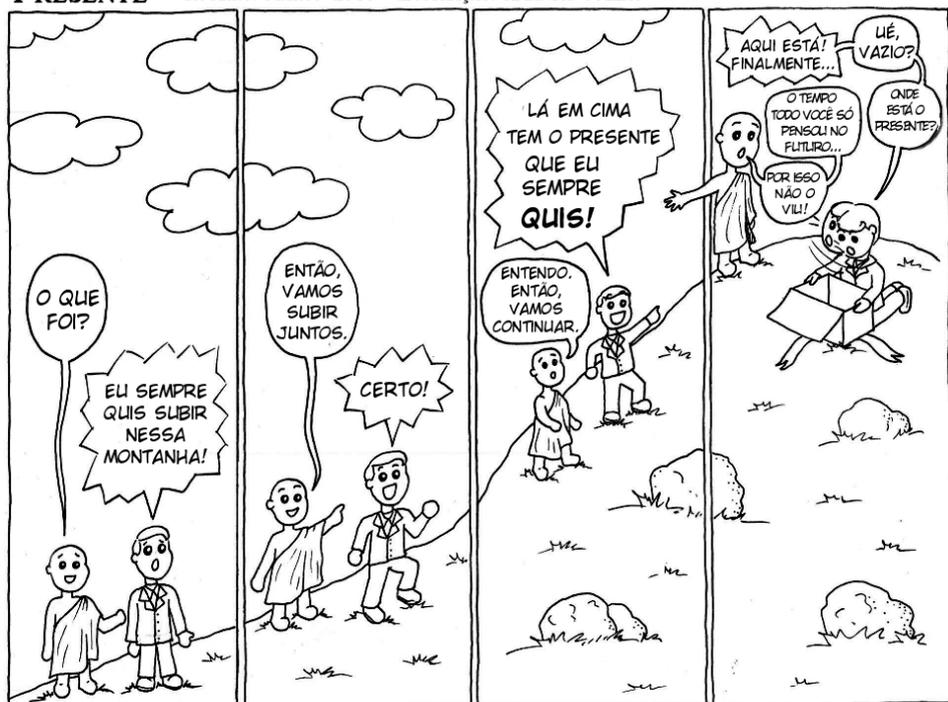


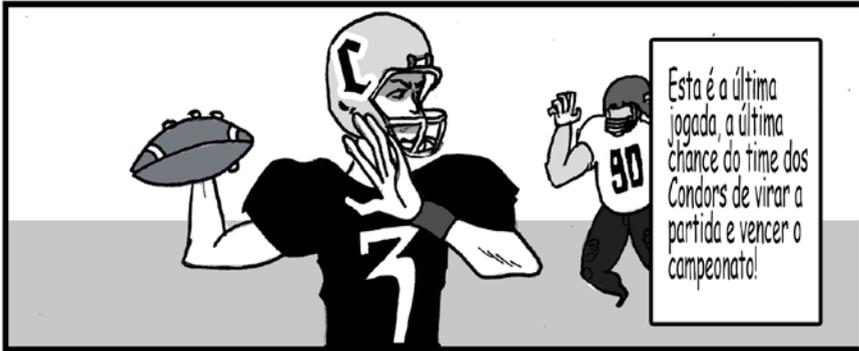


FIM

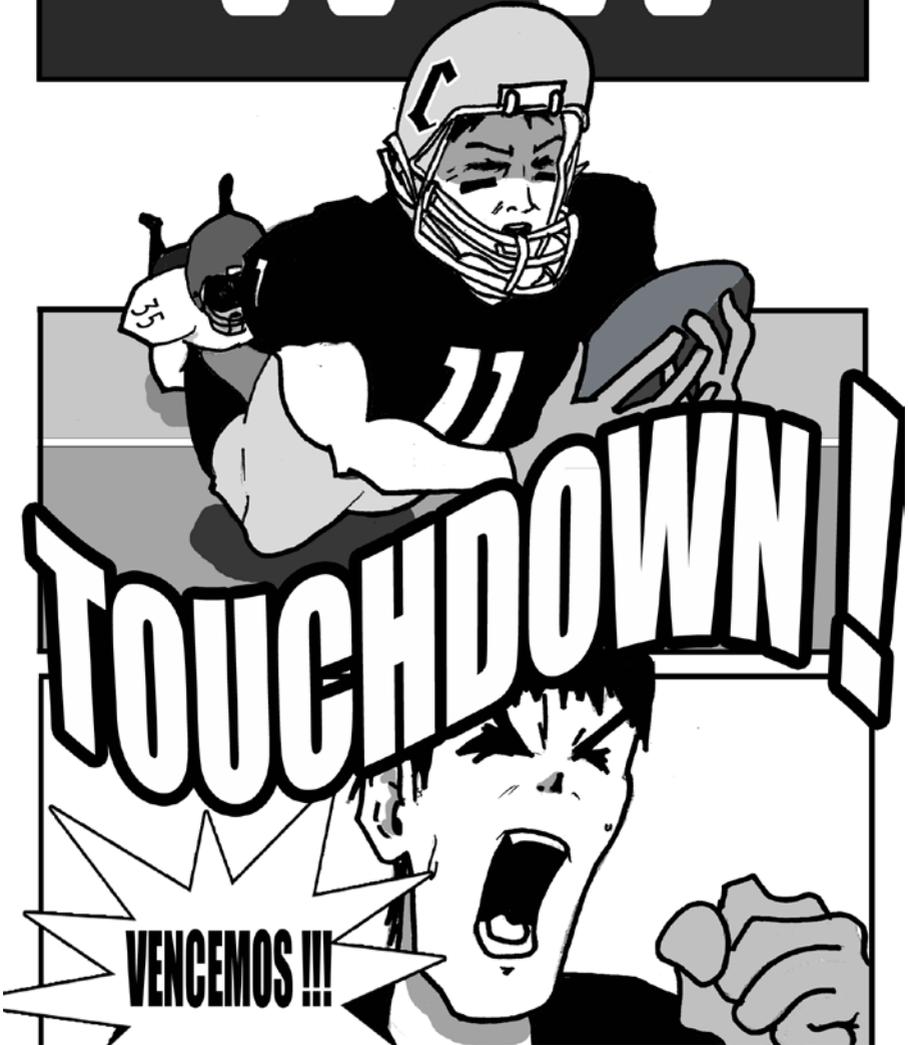
PRESENTE

ROTEIRO: MARCO LOBO ILUSTRAÇÃO: AMANDA COELHO





00:00



CASSANDRA & The Flaming Puppies



MAS EU SOU RESPONSÁVEL POR UMA BANDA DE ROCK!!!



AMANDA BARROS

POEMA LUNAR (LIDO EM TELESCÓPIO)

acabou-se em riso
a tua grande boca
e entre os meus lábios
e minha risada pouca
sussurrei um grito
e fui contaminado
pela tua flor

meio alucinado
e sentindo a dor
fiz o caminho inverso
até tua cama fria
entre os teus lençóis
vi tua perna lisa
habitando o nada
e sendo assim meu mundo

foi-se o meu inverno
quente como o sol
melhor que a primavera
ou o outono morto
e tudo o que eu queria
com o passar dos dias
naquelas noites longas
do meu eterno inverno
era o riso largo
da tua boca fria

fez pra sempre frio
depois daquele dia
em que te dei vazio
e você fez um mundo
onde não havia

e assim te amei
por se fazer eterna
depois de me beijar
naquela noite fria

POEMA SONHADO (ESCRITO COM NUVEM EM TRAVESSEIRO // PARA SER LIDO ENQUANTO BOCEJA)

dá pra dizer que pulei
despretensiosamente
da cama ao acordar

saltei como se voasse tão alto
que aquele nem um-metro-e-meio
parecia um-prédio-inteiro

nem sei ao certo o motivo de contar
tal alucinação
mas parece que ao saltar
me desprendi
do corpo
que nem meu era

agora

nem

sei

quem

fui

antesdaquelesonho

(eu e meus poemas sonolentos)

**UMA VEZ,
MINHA MÃE ME CONTOU,**

**QUE QUANDO
OS FLOCOS DE NEVE
VIRASSEM ESTRELAS,**

**DEUS EMERGIRIA DO SOL,
MAS...**

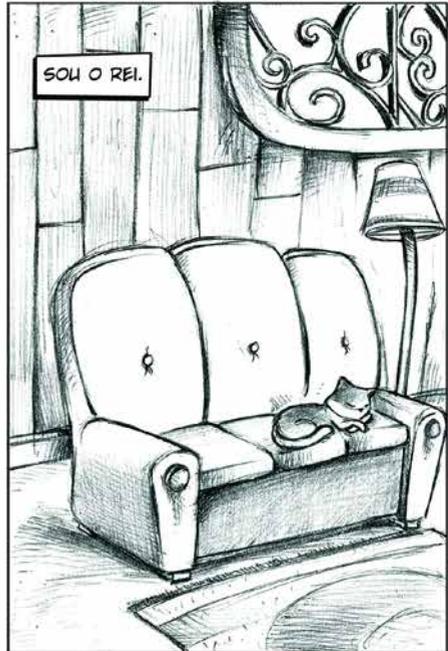
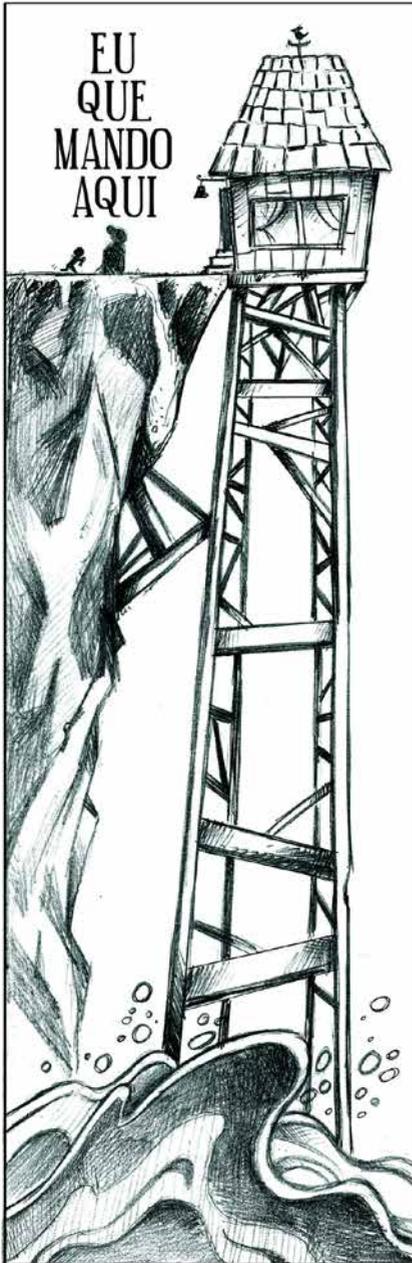
**ALGO DENTRO DE MIM
SABIA QUE AQUILO**



NÃO ERA NADA BOM.

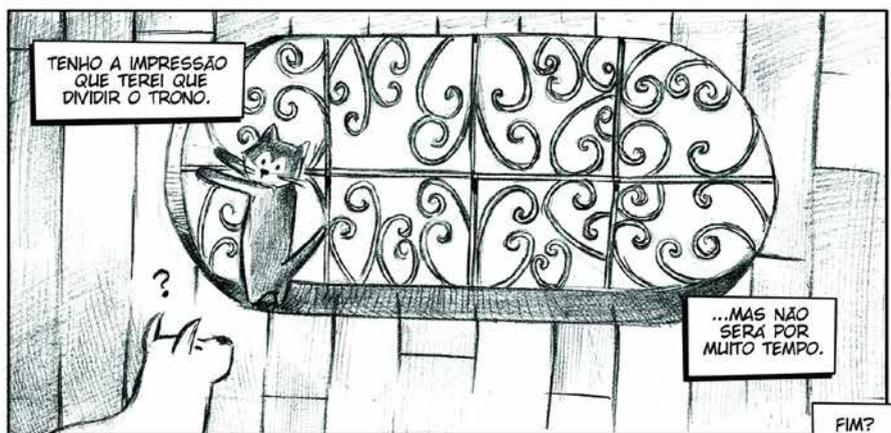
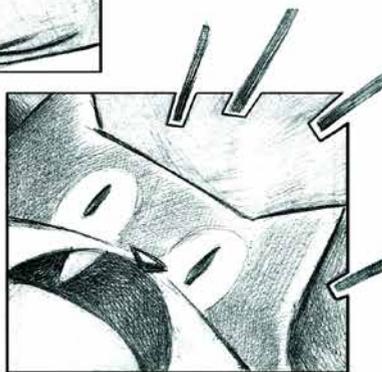








EMBORA ÀS VEZES...



MOÇA DEVOTA

dessa vez, não esperaria até que os números do elevador fossem gradualmente diminuindo, até chegar num T com um estrondo audível do sétimo andar. deixou que a porta fechasse e fechou-se, por sua vez, em casa. ele ainda dedicaria seu tempo a pensar em outras igualmente, quando não mais, importantes – duas ou três, quatro se contar com a mãe – e, então, dormiria um sono não tão justo quanto aliviado. ela perdia o sono a pensar no nível de devoção que aqueles encontros vinham adquirindo, rituais cujo santo não fazia muita questão de fervor. começava sem qualquer tipo de exame de consciência ou arrependimento: ela não tinha motivos para evitar nada, ele não tinha escrúpulos para não querer. devagar, e invariavelmente, chegava a hora em que ela desabotoaria sua calça, abriria com parcimônia o zíper e dedicaria muitos minutos a uma oração, coisa de moça muito devota. sentia descargas elétricas, um pequeno choque ao mínimo contato, ainda que sem querer. ele usava essa, uma de suas fiéis, para descarregar tensões da vida, supostamente, caótica. vez ou outra um milagre, aparição, vinham desse ser – jeito de confirmar a santidade, ou ao menos manter sua ideia – e, então, por muitas graças a uma disposição qualquer, sua mão subiria por baixo da saia e daria a ela atenção e júbilo. tudo que ela mais queria era um outro santo – nem precisava ser dos milagrosos. não acreditava na pureza de coração, mas já não via normalidade em tal caráter desviado. no entanto, tempo depois, cada estrondo de elevador, chegando ao térreo, a lembrava de que ainda gostava um bocado de tal oração e que o relicário, afinal, era dos grandes.

PEQUENO ENSAIO SOBRE A DERROTA
DENNYCHANG



Canis Lupus

GIULIANO BULARA
ALUISIO BARBOSA



AH! EU COSTUMAVA VIVER NAQUELE VALE! COMIDA BOA E FARTA, ÓTIMA VISTA, ERA UMA VIDA PERFEITA!



NOS SÁBADOS, JOGATINA!



BAH! ERA SÓ UM MALDITO PARI!

PUHA! —

ELES SEMPRE CAÍAM NA MINHA!



⚡ ATÉ QUE UM BELO DIA, UMA CERCA ELÉTRICA APARECEU DO NADA! ⚡



O QUE ERA ASSIM



FICOU ASSIM

E A CASA CAIU! E A CASA CAIU! E A CASA CAIU! E A CASA CAIU! E A CASA CAIU!



MEU ADVOGADO DISSE QUE EU ESTAVA FERRADO!



MAS... MAS... MAS... MAS... MAS...

EU TENHEI ARGUMENTAR, MAS CONTRA OS HUMANOS...



JÁ PENSOU EM IR PARA A CIDADE? EMPREGO FIXO, GRANDES OPORTUNIDADES!

... ELES ESTÃO NO TOPO DA CADEIA ALIMENTAR AGORA!



ME CONVENCI QUE ERA UMA BOA IDEIA. CALEFAÇÃO, ÁGUA ENCANADA, AÇOUGUE! MAS...



A CIDADE ERA MUITO DURA, MUITO FRIA, SELVAGEM DEMAIS. FOI ENTÃO QUE NO FUNDO DA MINHA SOLIDÃO EU ESCUTEI O CHAMADO QUE ESTAVA PRESO DENTRO DE MIM... *UUUUUUUUU!!!!!!*

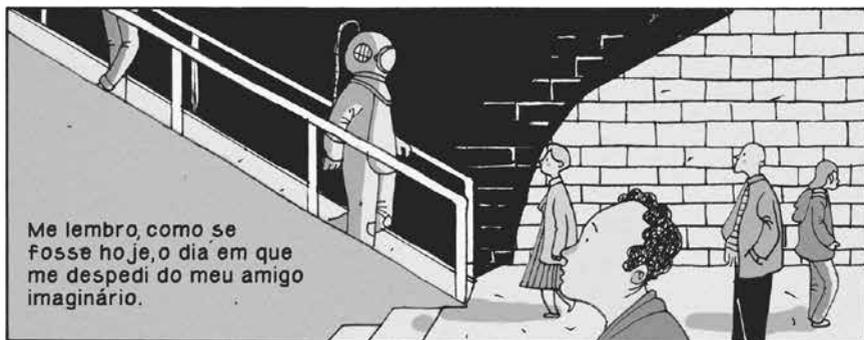
ALGUMAS VEZES EU SINTO SAUDADE DO MEU RÁDIO, DO PERFUME DE PATCHOULI...

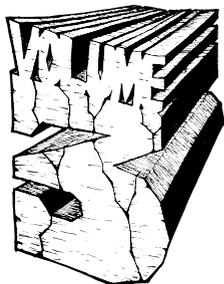


E ENTÃO EU VOLTO PARA UMA BREVE VISITA. SÓ PARA SABER QUE, ENFIM, AGORA EU SOU MAIS FELIZ.

E REVERENCIO AQUELES QUE AINDA, DE FORMA HERÓICA, AINDA RESISTEM!







FONTE

Tofino & KG Summer

PAPEL

ColorPlus 180g na capa
& Pólen 80g no miolo

IMPRESSÃO

Serigrafia na capa
& Laser no miolo.



SETEMBRO DE 2016

inspirado no evento PUBLIQUE-SE!

Edição

CAROL SAKURA

Capa, diagramação e projeto gráfico

CAMILO MAIA

Impressão e encadernação

DANIEL BARBOSA

Revisão dos Volumes 1, 2 e 4

LIELSON ZENI

Revisão do Volume 3

ALINE VAZ

Colaboração

LUCIANA FALCON e LOBO WOLF

As expressões e temáticas presentes
nessa coletânea foram desenvolvidos
livremente pelos artistas e não
representam opiniões e concepções da
Bienal de Quadrinhos de Curitiba.

BIENAL DE QUADRINHOS DE CURITIBA

REALIZAÇÃO

LIVRINHO DE PAPEL FINÍSSIMO
EDITORA



**ES
TÚ
DIO**
—
*in
ver
ti
do*



APOIO

